VIVER O LUTO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DA ELABORAÇÃO DAS PERDAS A PARTIR DO CINEMA

LIVING IN GRIEF: A PSYCHOANALYTIC ANALYSIS OF THE ELABORATION OF LOSSES FROM THE CINEMA

Bruna Moreira Raitz[1]
Gustavo Angeli[2]

RESUMO: Este artigo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa psicanalítica extramuros, a partir das obras cinematográficas *Anticristo* (2009), *Aftersun* (2022) e *Meu Primeiro* Amor (1991). Por meio da seleção de recortes, analisou-se como os personagens vivenciam o processo de elaboração do luto, desde o recolhimento inicial, a renúncia à posição libidinal, até a realização de novos investimentos no mundo. Em *Anticristo* (2009), exploram-se a melancolia e a impossibilidade de elaboração da perda. Já em *Aftersun* (2022), a rememoração das memórias paternas demonstra o trabalho do luto por meio da recordação. *Meu Primeiro Amor* (1991) ilustra o percurso de enfrentamento da perda, vislumbrando na realização de novos investimentos no mundo externo. A análise fílmica, apoiada nas teorias freudianas e lacanianas, evidencia a articulação entre sofrimento psíquico e a ressignificação simbólica das perdas, assim como propõe o cinema como um espaço privilegiado para a escuta dos processos inconscientes.

Palavras-chave: luto; psicanálise; elaboração.

ABSTRACT: *This article aimed to conduct extramural psychoanalytic research through the cinematic works Antichrist (2009), Aftersun (2022), and My Girl (1991). Through the selection of specific scenes, the characters' experience in the process of mourning elaboration was analyzed, from the initial withdrawal, renunciation of the libidinal position, to the realization of new investments in the world. We explored in Antichrist (2009) melancholy and the impossibility of processing the loss. In Aftersun (2022), the recollection of paternal memories demonstrates the work of mourning through remembrance. My Girl (1991) illustrates the journey of confronting loss, foreseeing the realization of new investments in the external world. The film analysis, supported by Freudian and Lacanian theories, highlights the connection between psychic suffering and the symbolic re-signification of losses, proposing cinema as a privileged space for listening to unconscious processes.*

Keywords: *grief; psychoanalytic; elaboration.*

1 INTRODUÇÃO

A perda de um familiar é uma experiência dolorosa à qual todos estão expostos. A maneira como cada sujeito perpassa por essa experiência é singular, assim como as suas condições inconscientes para elaborá-la. Na perspectiva psicanalítica, o luto é a reação à perda de um ente amado e se caracteriza por um abatimento doloroso, pela perda do interesse pelo mundo exterior, pela perda da capacidade de amar e do desejo pela vida. À medida que ocorre, se esforça para não lembrar do

1 Acadêmica do Curso de Psicologia da UNIFEBE. E-mail: bruni_aamoreira@unifebe.edu.br

2 Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE. E-mail: gustavooangeli@gmail.com

falecido, a pessoa perde a capacidade de eleger um novo amor. Quando a consciência expõe que o objeto amado não existe mais, exige-se do sujeito a retirada dos investimentos libidinais anteriormente direcionados a ele. Para Freud (1996e), o ser humano geralmente não gosta de renunciar a uma posição libidinal e essa resistência pode ser tão intensa a ponto de produzir um afastamento da realidade. O luto não é considerado um estado patológico por si só; portanto, espera-se que ele seja elaborado com o tempo. O luto está presente em diversos momentos da vida do sujeito, desde o falecimento de uma pessoa, a perda do emprego até uma quebra de expectativa. Esse processo, que envolve a retirada de investimentos libidinais, perpassa uma identificação narcísica do sujeito; o amor sempre traz elementos identificatórios, e esse objeto perdido fazia parte do eu (Freud, 1996e).

O luto por algo que amamos pode parecer natural para a maioria das pessoas, mas é um enigma complexo para os psicólogos. Possuir a capacidade de direcionar a libido para objetos nas fases iniciais do desenvolvimento faz com que essa energia seja direcionada para nós mesmos e com o tempo, ela se expande para objetos externos que, de certa forma, tornam-se parte do sujeito. Quando esses objetos são perdidos, a capacidade de amar é liberada, podendo ser redirecionada para novos objetos ou voltar-se temporariamente a nós mesmos. No entanto, permanece um mistério o motivo desse processo de desligamento da libido ser tão doloroso (Freud, 1996c).

Quando o sujeito perde seu objeto de amor, ocorrem diversas tentativas de recompor a homeostase psíquica por meio da rearticulação simbólica do imaginário, para o que ficou despedaçado. Quando o sujeito se identifica com o objeto perdido, não consegue diferenciar e fazer novos investimentos libidinais, compreende-se que ele se perdeu com o objeto, adentrando um estado patológico do luto, que se denomina uma estrutura melancólica. No luto, o mundo se torna vazio e, na melancolia, é o próprio eu (Freud, 1996e).

Com a intenção de ampliar o conhecimento sobre o processo de elaboração do luto, este artigo teve como proposta analisar recortes desse fenômeno em três filmes, o primeiro, “O Anticristo” (2009), um filme de terror psicológico que conta a história de um casal que enfrenta a morte de seu filho. Para lidar com a dor, o casal se retira para uma cabana isolada em meio à floresta. Lá, o marido, que se intitula terapeuta, começa a conduzir algumas atividades com sua esposa, na esperança de ajudá-la a superar o trauma. O filme é dividido em capítulos e aborda temas, como a perda, o sofrimento, o desamparo e a dinâmica entre a masculinidade e a feminilidade. À medida que o casal se depara com suas emoções e experiências, a situação se torna cada vez mais intensa, resultando em eventos violentos e perturbadores, que questionam a natureza do desejo e da culpa.

O segundo filme “Aftersun” (2022) é um drama britânico-americano que conta a história de Sophie, uma mulher adulta que reflete sobre as férias que passou com seu pai quando era criança. A narrativa entrelaça as lembranças de Sophie da viagem à Turquia com seu pai e sua introspecção atual do seu eu adulto, enquanto ela reflete sobre esse tempo precioso e as nuances de seu relacionamento com o pai. À medida que Sophie revive suas memórias, é possível escutar o impacto emocional dessa viagem, que se sobrepõe aos temas de crescimento, perda e complexidade das relações familiares. Destaca-se como as crianças percebem e visualizam o mundo ao seu redor e carregam essas experiências para a vida adulta.

O terceiro e último filme, “Meu Primeiro Amor” (1991), uma comédia dramática que se passa na década de 1970, conta a história de Vada, uma menina de 11 anos, sensível, questionadora e independente. O pai dela é um agente funerário e sua casa também é utilizada para a realização de velórios. Sua mãe faleceu logo após o seu nascimento. Seu melhor amigo é Thomas, um garoto gentil e carismático com quem ela vivencia momentos únicos e especiais. O filme é marcado pela morte de Thomas em um acidente com abelhas, o que a deixa devastada e desafia a confrontar seus sentimentos de perda.

Os recortes selecionados apresentam as etapas percorridas em cada processo de luto encenado nos filmes, com base na perspectiva psicanalítica que será analisada como ocorreu a elaboração do luto pelos personagens. Inicialmente marcada pelo recolhimento do sujeito, a renúncia a uma posição libidinal até a realização de novos investimentos no mundo. Com base nas obras cinematográficas escolhidas, este artigo se materializou em uma pesquisa em psicanálise extramuros, ou seja, a escuta do inconsciente para além do consultório particular. Partiu-se do pressuposto de que a psicanálise pode escutar e traduzir processos inconscientes, manifestados nas expressões trazidas no filme, sustentando a psicanálise como um método de investigação concentrada nos processos inconscientes, que são aqueles que não estão diretamente acessíveis à consciência do indivíduo, inacessíveis a outras formas de pesquisa. Um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto (Figueiredo; Minerbo, 2006).

A psicanálise é o termo utilizado para referir-se a um método de investigação e a uma prática clínica, que teve seu início com Sigmund Freud no século XIX. É uma teoria em constante movimento, repensada e reescrita por outros autores e praticantes da psicanálise. Buscou-se compreender os conflitos inconscientes e as motivações que influenciam o sujeito, que se coloca por meio de uma posição questionadora e crítica em relação aos saberes instituídos, procura dialetizar constantemente para visualizar o que tenta silenciar o sofrimento e suas diferentes manifestações (Moreira *et al*., 2019).

Em um contexto social, marcado por constantes mudanças e rupturas, compreender como o sujeito elabora seus lutos pode contribuir diretamente para a promoção da saúde mental em diferentes esferas da sociedade, desenvolver e promover espaços para escuta do sofrimento psíquico por meio do investimento na produção de materiais sobre o tema, que corrobora o aprimoramento das práticas clínicas, ampliando o referencial teórico sobre a dinâmica do inconsciente e suas manifestações no processo de elaboração do luto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LUTO E MELANCOLIA: QUANDO A PERDA FERE O EU

Para Freud (1996e), o luto é a reação à perda de uma pessoa querida ou de algo abstrato que ocupa seu lugar, como a pátria, a liberdade, um ideal, entre outros. Sob as mesmas influências, nota-se que algumas pessoas apresentam um quadro denominado melancolia em vez de um processo de luto. Importante destacar que o luto não é visto como um estado patológico que deva receber tratamento médico para cura, embora produza um afastamento da conduta normal da vida, acredita-se que será superado após algum tempo e que interferir pode ser inadequado ou até mesmo prejudicial. O luto perpassa pela inibição e restrição do eu para uma única dedicação ao objeto perdido, as lembranças exclusivas à memória do falecido, não sendo possível interessar-se por outros amores. A melancolia é caracterizada pela cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, restrição das atividades do cotidiano e redução da autoestima. Se mostra por meio de autocríticas e insultos a si mesmo, pode evoluir para uma expectativa delirante de punição. Destaca-se que o luto exibe os mesmos traços da melancolia, exceto a redução da autoestima, que não é afetada.

O processo de luto pode ser descrito como um trabalho psíquico complexo que se inicia com o reconhecimento da perda do objeto amado. Esse exame da realidade revela a inexistência do objeto, impondo a necessidade de desvincular a libido das conexões anteriormente estabelecidas com ele. No entanto, tal processo enfrenta uma resistência natural, uma vez que

os sujeitos tendem a manter os seus investimentos libidinais, mesmo quando surge um substituto potencial. Em casos extremos, essa resistência pode levar ao afastamento da realidade e ao desenvolvimento de uma psicose de desejo alucinatória. Normalmente, a realidade prevalece, mas o afastamento emocional não ocorre de forma imediata; esse desligamento gradual requer tempo e um considerável dispêndio de energia psíquica, durante o qual o objeto perdido continua a existir na psique do sujeito. Cada lembrança e expectativa associada ao objeto é revisitada e desinvestida, o que pode explicar a intensa dor que acompanha o processo de luto. Curiosamente, essa dor é percebida como uma resposta natural ao processo, resultando, ao final, na liberação do Eu, que retorna a um estado de maior liberdade psíquica, após a conclusão do trabalho do luto (Freud, 1996e).

Segundo Lacan (1960), a perda de um objeto traumático só pode ser simbolizada por meio de um processo de luto, cujo desfecho não necessariamente envolve um substituto. Lacan considera que a ausência não pode ser preenchida, em vez disso, a perda mobiliza toda a estrutura simbólica, real e imaginária para reposicionar o sujeito. O trabalho de luto vai além da retirada da libido investida no objeto perdido e do subsequente investimento em um novo objeto, como descrito por Freud. O luto envolve a preservação dos vínculos que sustentam o desejo, não em relação ao objeto, mas pelo que todo amor que o termo implica, em uma dimensão idealizada do eu narcisisticamente estruturado. Sendo necessário examinar a função do falo e do objeto no desejo e, consequentemente, o papel que ambos desempenham no processo de luto (Lacan, 1962).

Ao aplicar o que foi observado no luto à melancolia, verifica-se que, em muitos casos, esta também pode ser uma reação à perda de um objeto amado. No entanto, em algumas situações, como quando o objeto não morre fisicamente, mas é perdido enquanto objeto de afeto, como ocorre no caso de uma noiva abandonada ou perda do emprego. Há ainda cenários em que a hipótese de perda é necessária, embora a natureza exata do que foi perdido não seja clara, nem para o observador nem para o paciente, sugerindo que o que foi perdido pode estar oculto da consciência. Mesmo quando o paciente é capaz de identificar a pessoa perdida, pode não ser evidente para ele o que exatamente foi perdido com essa pessoa (Freud, 1996e).

Isso sugere que a melancolia pode estar relacionada a uma perda de objeto que é, na maioria, inconsciente, ao contrário do luto, em que a perda é plenamente reconhecida em nível consciente. No luto, observa-se que a inibição e a falta de interesse são explicadas pelo trabalho de luto, que absorve intensamente o eu. Na melancolia, a inibição apresenta um aspecto enigmático, pois não é evidente o que consome tanto a psique do paciente. Além disso, a melancolia exibe um fenômeno ausente no luto, ou seja, um profundo rebaixamento da autoestima e um empobrecimento significativo do eu. Enquanto no luto o mundo externo é percebido como empobrecido e vazio, na melancolia, essa sensação de vazio e desvalorização é direcionada ao próprio eu (Freud, 1996e).

O paciente melancólico se descreve como indigno, incapaz e desprezível, recriminando-se e antecipando rejeição e punição; ele se rebaixa perante os outros. Não percebe que sofreu uma mudança, estende sua autocrítica ao passado, afirma que nunca foi melhor. Esse quadro de inferioridade, predominantemente moral, é acompanhado por insônia e recusa de alimentação. O aspecto crucial é que ele descreve com precisão sua situação psicológica, evidencia uma perda significativa de amor-próprio, o que sugere a existência de razões subjacentes para tal percepção (Freud, 1996e).

Assim, a melancolia impõe um significativo dano ao Eu, uma vez que parte dele internaliza de maneira patológica o objeto perdido para preservá-lo a qualquer custo, enquanto outra parte se rebela e o ataca de forma igualmente severa. Nessa configuração psíquica,

a regulação da dimensão afetiva, uma das funções fundamentais do Eu, sofre grande prejuízo, sendo invadida pela ambivalência melancólica entre o amor idealizado e a hostilidade intensa em relação ao objeto introjetado (Oliveira; Malta, 2023). Em uma analogia com o luto, pode-se concluir que o melancólico sofreu uma perda relacionada ao objeto externo, entretanto, suas declarações sugerem que essa perda seja internalizada, resultando em uma perda dentro do próprio eu (Freud, 1996e).

A cada lembrança e expectativa que mostra a ligação da libido ao objeto perdido, a sua inexistência se torna mais clara, confronta o eu com a escolha de seguir ou não em frente. Contudo, o eu é persuadido pelas satisfações narcísicas de manter-se vivo, a desfazer gradualmente o vínculo com o objeto perdido. O abandono da representação inconsciente do objeto pela libido, que poderia parecer uma resposta simples e imediata, na realidade, é um processo repleto por inúmeras impressões singulares, no qual a retirada da libido não pode ocorrer de forma rápida. Assim como no luto, esse é um processo de progressão lenta, sem uma estrutura exata predefinida. Diferentes recordações são ativadas por meio do inconsciente. Na melancolia, a ambivalência em relação ao objeto, que pode ir além do luto, envolve inúmeras batalhas entre o ódio e o amor pelo objeto, lutando para retirar ou manter a posição libidinal. Essa ambivalência pertencente ao reprimido pode ser reativada por experiências traumáticas. O luto, por sua vez, leva o eu a renunciar ao objeto, colocando-o na posição de morto, enquanto o eu recebe o prêmio de continuar vivo (Freud, 1996e).

A partir de todas as facetas que o luto atravessa o sujeito, a clínica psicanalítica pode oportunizar uma escuta que se diferencia do senso comum, uma escuta peculiar, vivida e transferida em análise, sensível às diversas formas de sofrimento psíquico e de manifestações do inconsciente (Figueiredo; Minerbo, 2016). A forma como o analista realiza o manejo clínico é primordial para o processo de elaboração, ele deve escutar a transferência possível e identificar as manifestações inconscientes trazidas pela paciente (Freud, 1996a). O manejo clínico no luto consiste em adentrar as fantasias trazidas em análise, reviver essas perdas contadas em sessões e reconstituir a história, lembrar para esquecer.

O luto não é apenas um processo de tristeza, mas uma reconfiguração da relação do sujeito com o objeto perdido, que pode incluir sentimentos de ambivalência e culpa. Deve-se criar um espaço seguro para que o paciente consiga explorar essas lembranças, permitindo que a dor da perda seja elaborada simbolicamente. Essa elaboração é crucial para que o sujeito possa transformar a experiência do luto em um processo de reinvestimento libidinal, facilitando a integração da perda na sua narrativa psíquica, promovendo um movimento em direção à recuperação e ao novo sentido de si (Teixeira, 2006).

2.2 VIVER O LUTO: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

O processo do luto percorre um caminho que precisa ser manejado com delicadeza e atenção. Com base na teoria freudiana, Dunker (2023) discute que esse processo ocorre por meio de questionamentos, iniciando-se pela indagação sobre a realidade daquilo que foi perdido. O autor argumenta que, no momento em que algo finda ou se desintegra, revela-se a verdadeira natureza do que foi perdido. Como exemplo, menciona que a saúde só é verdadeiramente reconhecida quando se perde e que cada sujeito reage ao luto mobilizando respostas que variam desde aspectos concretos até aqueles que são difíceis de definir. A realidade da perda relaciona-se com a finitude da vida humana. Segundo Dunker (2023), para o inconsciente, o tempo e a negação são inexistentes; ele não admite contradições. A aceitação da finitude, portanto, se dissemina por meio das relações com os outros.

O segundo questionamento levantado pelo autor é sobre a natureza da relação com a pessoa falecida e como essa relação permite a comparação entre o objeto perdido e o eu. Nesse estágio, a pessoa revisita fantasias sobre o que não foi realizado, como a morte poderia ter sido evitada, com uma dívida não saldada, o que pode gerar sentimento de culpa na pessoa. “As perdas importantes significam, inevitavelmente, danos e feridas narcísicas graves. A culpa pode servir à manutenção de uma ilusão de que poderíamos fazer face à morte e a outras injúrias graves que o destino nos impõe” (Rudge, 2001, p. 201). Considera-se que, pela culpa, pode ser firmada a possibilidade de manter a morte à distância, podendo dizer como vencendo em um jogo de xadrez. Para Rudge (2001, p. 205) “a culpa economiza angústia de castração”. Dunker (2023) também aborda o momento de lidar com os pertences daquilo que se perdeu, um processo que mexe com as memórias e leva à reflexão sobre a herança recebida. Esse estágio pode se estender por um longo período, enquanto o sujeito luta para congelar as lembranças sem permitir que elas se desvaneçam completamente. Corroborando Indursky e Kveller (2007), relatam que o trabalho de desinvestimento libidinal do objeto perdido pode ser recusado por um momento, cuja temporalidade não é cronológica e sim subordinada à posição de herdeiro que a perda implica.

Dunker (2023) questiona o ponto em que o luto chega ao fim, destacando que os rituais fúnebres muitas vezes representam uma tentativa de “morrer junto”, vivenciando o luto para finalmente poder se separar do lugar simbólico ocupado pela pessoa falecida. A questão sobre quando o luto termina é complexa e subjetiva. Embora a saudade persista e permaneça como uma lembrança constante, esse sentimento não constitui o luto propriamente dito. O luto, conforme descrito na literatura psicanalítica, é um processo que envolve um trabalho psíquico estruturado. Ele inicia com o reconhecimento da realidade da perda, seguido por uma fase intermediária, caracterizada pela elaboração da relação com o objeto perdido. O término do luto ocorre quando um novo traço simbólico, representando aquele que se foi, é integrado ao eu. Esse novo traço enriquece o sujeito, promove um sentimento de liberdade, que marca o fim do processo de luto e a reorganização psíquica do sujeito.

Para Teixeira (2012) há uma distinção entre o trabalho de luto e o trabalho da melancolia. O trabalho de luto caracteriza-se pelo êxito na elaboração da perda, sendo seus processos psíquicos considerados normais. Esse processo envolve uma dolorosa retirada do investimento libidinal no objeto perdido e seu redirecionamento para um novo objeto. Nesse contexto, o luto pode ser entendido como um paradigma das reações normais diante das frustrações, decepções e perdas, exigindo, de certa forma, um processo de desinvestimento da libido, que se manifesta fenomenologicamente como tristeza e sofrimento psíquico.

Em outro momento do luto, ocorre uma transição da ausência para o vazio, um espaço para a angústia. Nesse ponto, a pessoa pode apresentar sintomas de devastação narcisista, como perda de apetite, apatia ou sentimentos de desespero. Pode existir um sentimento de estar morto. A angústia do vazio começa a se transformar em um sentimento de perda. A volumetria emocional que antes ocupava o sujeito passa da frustração à privação. Esse processo envolve uma repetição do abandono, que gradualmente dá lugar à recordação, um movimento essencial diante da perda. Esse trabalho de luto, contudo, só se efetiva após um certo tempo, quando a perda entra em transferência (Oliveira; Malta, 2023).

Nesse momento, é importante não se apressar na substituição do objeto perdido, mas sim estabelecer uma ligação entre essa perda e as anteriores, integrando-a à cadeia de lutos do sujeito. Castilho e Bastos (2013, p. 101) enfatizam a relevância de manter um espaço vazio que permita o processo de luto, sem ser constantemente preenchido pela presença do objeto: “o luto exige um trabalho - guiado pela prova de realidade - para aceitar a perda, delineando o vazio no

simbólico, o que envolve lidar com a dimensão essencial da perda". O ciclo de repetição, recordação e elaboração constitui uma forma fundamental de elaborar o luto, permitindo que o sujeito processe e ressignifique sua perda de maneira saudável (Dunker, 2023).

Freud (1996f), em seus escritos, oferece recomendações fundamentais para o método da psicanálise, denominadas de "recordar, repetir e elaborar". Que refletem a ideia de que o eu pode significar o presente a partir da compreensão do passado, orientando-se em direção ao futuro. No contexto do *setting* analítico, observa-se que, à medida que o paciente encontra dificuldades em verbalizar suas experiências, ele tende a atuar, repete suas ações e sintomas. Os sintomas que o paciente apresenta estão relacionados à história pessoal, refletem a parcela de responsabilidade que ele possui em relação à própria experiência de sofrimento. A função do analista, nesse contexto, é interpretar essas repetições, mesmo que o paciente não esteja se dando conta de que está se repetindo. Embora a repetição possa inicialmente parecer a mesma, ela sempre contém elementos novos, revela nuances e aspectos inéditos da dinâmica psíquica do paciente. Freud (1996f) descreve a compulsão à repetição como um movimento que, embora possa parecer uma simples reprodução do passado, na verdade conduz à descoberta de algo novo. A repetição, nesse sentido, não é meramente uma reprodução, mas um processo que permite ao sujeito encontrar novos significados.

No processo de luto, o retorno ao espaço vazio criado pela perda envolve uma interação entre a castração simbólica e o processo de idealização. Nesse contexto, o vazio resultante da perda se torna um ponto de articulação com o simbólico; pode-se iniciar a nomeação da perda. Para lidar com essa ausência, o sujeito pode recorrer a novas experiências, como a arte, a dança e a música, que possibilitam a articulação da falta com o caos. Nesse processo, a perda é posicionada no lugar do objeto, que agora se torna a causa de um novo desejo, mesmo que já estivesse perdido. Esse movimento perpassa a sublimação, o desejo é redirecionado para outras formas de representação. O movimento final desse processo envolve uma decisão inconsciente, um caminho que permite a integração da perda na estrutura psíquica do sujeito. Essa integração é fundamental para que o sujeito siga em frente, no momento em que consegue integrar o objeto perdido na cadeia de luto e, assim, pode se despedir, porque esse objeto perdido está guardado consigo (Dunker, 2023).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa foi delineada pelo método de pesquisa em psicanálise e suas estratégias de produção do conhecimento. Destaca-se que uma pesquisa em psicanálise se diferencia de uma pesquisa sobre psicanálise. De acordo com Tavares e Hashimoto (2013), uma pesquisa teórica sobre psicanálise pode ser escrita por qualquer pesquisador e uma pesquisa em psicanálise suscita composições teóricas e metodológicas formadas por experiências de analistas e/ou analisantes. A principal característica de uma pesquisa em psicanálise reside na escuta ao longo do processo investigativo. Em outras palavras, a experiência analítica possibilita uma interpretação fundamentada em seus pressupostos, permitindo à clínica, gerar resultados com relevância social.

A psicanálise é um método de investigação concentrada nos processos mentais inconscientes, os quais não são diretamente acessíveis à consciência do sujeito e permanecem inacessíveis a outras formas de pesquisa. Além de ser um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto, a pesquisa em psicanálise se distingue das pesquisas acadêmicas tradicionais, reconhecidas por seus métodos organizados e delimitados.

A pesquisa em psicanálise é construída à medida que as elaborações do pesquisador avançam. As descobertas transformam a pesquisa em um momento singular na história. Essa dinâmica resulta em uma relação demarcada por termos que evoluem do início ao término do processo investigativo, refletindo a natureza criativa do descobrir da psicanálise, tem como efeito a transformação das partes, do objeto e do sujeito da pesquisa (Figueiredo; Minerbo, 2006).

Diante das questões que mobilizam uma pesquisa em psicanálise, torna-se indispensável reconhecer o conceito de transferência nos movimentos de teorização. A transferência é um processo inconsciente que se manifesta em diversas situações da vida cotidiana. Caracteriza-se por uma atualização das questões passadas no presente, que pode trazer à tona aspectos da realidade psíquica infantil com novas roupagens (Figueiredo; Minerbo, 2006).

De acordo com Roudinesco e Plon (1997), a transferência pode designar um processo constitutivo da análise, no qual os desejos inconscientes têm relação com objetos externos, passando a se repetir na relação analítica. Reconhecer o lugar da transferência em uma pesquisa é compreender que os processos inconscientes circulam entre os campos de estudo. A transferência na clínica é escutada, interpretada e dissolvida, contudo, nas pesquisas inseridas no contexto acadêmico, precisa ser instrumentalizada para impulsionar a estrutura de um estudo psicanalítico (Tavares; Hashimoto, 2013). “Instrumentalizar” a transferência no contexto acadêmico significa sistematizar e utilizar as experiências transferenciais do pesquisador de maneira consciente e estruturada, para enriquecer a pesquisa. Na prática clínica, a transferência é um fenômeno que ocorre entre o analista e o paciente, de modo que as experiências do paciente são projetadas no analista. Nesse contexto, a transferência é escutada, interpretada e dissolvida, permitindo que o paciente compreenda e trabalhe suas questões. Por outro lado, na pesquisa teórica, a transferência não é simplesmente dissolvida, mas deve ser “instrumentalizada” (Tavares; Hashimoto, 2013).

Isso implica que o pesquisador deve reconhecer e utilizar suas próprias reações inconscientes em relação ao material teórico que está estudando. Essa instrumentalização envolve uma reflexão crítica sobre como as teorias e textos psicanalíticos impactam o pesquisador, influenciando sua compreensão e interpretação. Assim, ao “instrumentalizar” a transferência, o pesquisador transforma suas experiências subjetivas em uma ferramenta que pode impulsionar a estrutura e a profundidade de seu estudo. Isso permite que a pesquisa não seja apenas uma análise objetiva de teorias, mas também uma exploração da relação entre o pesquisador e o objeto de estudo, levando a novas compreensões e contribuições teóricas (Tavares; Hashimoto, 2013).

Esse artigo se materializa no campo da psicanálise extramuros, método denominado por Laplanche (1992) que viabiliza que conteúdos da cultura, das artes e de outros espaços sociais sejam escutados e interpretados segundo os referenciais do inconsciente freudiano. Portanto, é uma estratégia que leva os psicanalistas a explorar outras ligações pulsionais da humanidade. A diferença essencial entre o que o analista faz sentado em sua poltrona e o que ele realiza sentado em sua mesa de trabalho é que, no primeiro caso, sua atividade busca tanto elucidar quanto transformar o que acontece entre ele e o paciente. No segundo caso, a dimensão prática está ausente, já que a situação não envolve uma dupla nem as transferenciais mobilizadas nela e por ela, mas sim um pesquisador e um objeto a ser construído a partir de dados empíricos. Fazer história não se resume a narrar eventos ou descrever dados, é pensar sobre eles, tentando compreender por que as coisas aconteceram assim e não de outro modo (Mezan, 2002).

Essa pesquisa extramuros está direcionada às obras cinematográficas: *Anticristo* (2009), *Aftersun* (2022) e Meu Primeiro Amor (1991). O cinema, enquanto linguagem artística, pode ser interpretado como uma expressão do psiquismo vinculado à cultura. Ao suceder imagens e

projetá-las em uma tela, ele incorpora uma dinâmica semelhante à dos sonhos e das fantasias. Dessa forma, escuta-se o cinema e suas aberturas às interpretações para produzir saberes oriundos das manifestações psíquicas recortadas, ilustradas, associadas e projetadas por essa linguagem artística. Não apenas tratada como entretenimento, mas enxergada nas figuras, nas condensações e nos deslocamentos como uma arte que apresenta os destinos pulsionais e inquietantes, que desvela o mal-estar inerente à existência humana e mobiliza o campo dos afetos (Fernandes, 2015). Os filmes selecionados apresentam formas da manifestação e elaboração do luto, quanto ao objeto de estudo selecionado. O luto e sua interpretação significam olhar para esse fenômeno investigado de forma diferente, fora de seu campo habitual. O olhar do psicanalista vislumbra outras lentes, para além do que é dito, ressurge diferente, desconstrói e transforma (Figueiredo; Minerbo, 2006).

As análises deste artigo foram elaboradas com base nas referências teóricas dos autores que estruturaram essa pesquisa, sendo as obras freudianas as principais exploradas, com outros autores que produzem pesquisas e saberes na psicanálise, como Lacan (1960), Oliveira e Malta (2023), Dunker (2023), Indursky e Kveller (2007), Teixeira (2012) e Rudge (2001). As interpretações e narrativas foram elaboradas em consonância com as influências teóricas e metodológicas que orientaram a produção de conhecimento em psicanálise. Sustentando-se na teoria psicanalítica, considerando as transferências dos autores sobre os filmes, tratando-os como um caso clínico, para produzir saberes sobre o processo de elaboração do luto. Os filmes foram vistos por diversas vezes, viabilizando associações que despertam questionamento sobre o percurso da elaboração do luto com a subjetividade de cada personagem. As três obras selecionadas, *Anticristo* (2009), *Aftersun* (2022) e *Meu Primeiro Amor* (1991), exploraram diferentes formas de expressão do luto, cada uma a partir da subjetividade e singularidade dos personagens e sua história. A análise abordou, por meio de recortes, como se deu o processo de elaboração do luto para cada personagem ao longo dessas narrativas.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 REPRESENTAÇÕES DO SOFRIMENTO PSÍQUICO: ENTRE O LUTO, A CULPA E A AUTOPUNIÇÃO

*Anticristo (*2009), dirigido por Lars von Trier, narra a história de um casal que enfrenta a perda de seu filho pequeno, que morre ao cair de uma janela enquanto eles estão envolvidos em uma relação sexual. Em busca de enfrentar o luto e os medos que emergem após a tragédia, o casal se refugia em uma cabana na floresta, um local onde ela, no verão anterior, havia se isolado com o filho para escrever sua tese. Ele, que é terapeuta, acredita que o confronto com o ambiente, a esposa, associado ao medo, poderá promover novas elaborações sobre seus medos. À medida que o isolamento se intensifica, ela passa a manifestar comportamentos perturbadores e violentos contra si e seu esposo. A narrativa se desenrola em um ambiente denso e simbólico, em que temas de culpa, desespero e sofrimento psíquico se misturam.

Ainda nas primeiras cenas do filme, ocorre o enterro do filho falecido. O pai expressa seu sofrimento por meio do choro, enquanto a mãe não chora, mas desmaia durante a cerimônia. Nos primeiros momentos do luto, pode existir uma sensação assemelhada ao estado de anestesia. É essencial insistir nos ritos coletivos, como participar de funerais e encontros sociais, que simbolizam a “presença de uma ausência” e a concretude do símbolo da perda. Aproximar o sujeito da experiência do luto é decisivo para evitar a negação dessa realidade (Dunker, 2023). A ritualização da morte é intrinsecamente vinculada ao processo de elaboração das perdas.

Os rituais fúnebres não apenas permitem a expressão do sofrimento de maneira simbólica, mas também promovem uma reorganização psíquica do sujeito diante da ausência do objeto amado. Eles criam um espaço de elaboração compartilhado, no qual os enlutados podem experimentar a cumplicidade afetiva e a renovação dos laços, possibilitando a continuidade do vínculo (Giamattey *et al*., 2022).

Essa mãe fica internada por aproximadamente um mês após a morte do filho, recebe notícias do seu médico de que seu luto é anormal, seu marido, terapeuta, discorda da posição médica, dizendo que não tem nada de errado com o luto da esposa. Questiona a quantidade de remédio e solicita a alta dela. Ainda no hospital, por meio da fala dessa mãe enlutada, escutou-se um traço da melancolia: "Foi minha culpa." Ele responde: "E quanto a mim? Estava lá também." Ela continua "eu podia impedi-lo. Você não sabia que ele acordava de repente. Eu sabia que, às vezes, ele acordava e escapava do berço. E andava por aí. Enquanto achávamos que ele estava dormindo. Ele podia ter aberto a trava do berço. Ele acordou e estava confuso [...]", chora, "e sozinho", chora muito.

Para Freud (1996e), a melancolia é caracterizada pela cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, restrição das atividades do cotidiano e redução da autoestima, mostrando-se, por meio de autocríticas e insultos a si mesmo, podendo evoluir para uma expectativa delirante de punição. Outro momento selecionado no filme que representa uma forma de punição do eu é durante uma crise de ansiedade e choro. A mãe bate sua cabeça contra o vaso sanitário até sangrar e ser socorrida por seu marido. A melancolia impõe um dano significativo ao eu, uma vez que parte dele internaliza de maneira patológica o objeto perdido para preservá-lo a qualquer custo, enquanto outra parte se rebela e o ataca de forma igualmente severa. Nessa configuração psíquica, a regulação da dimensão afetiva, uma das funções fundamentais do eu, sofre grande prejuízo, sendo invadida pela ambivalência melancólica entre o amor idealizado e a hostilidade intensa em relação ao objeto introjetado (Oliveira; Malta, 2023).

Esse homem começa a notar algumas coisas que chamam sua atenção, assim que chega à floresta. Em um momento em que está só, ele avista uma corça com um filhote morto pendurado, o filhote não está completamente nascido, com metade do corpo para fora e metade ainda dentro da mãe. Em outra ocasião, após discordar da analogia feita por sua esposa, que dizia ouvir na floresta o choro de tudo o que está prestes a morrer, ele enxerga a si mesmo fora da cabana, embaixo de uma árvore de carvalho, com suas sementes caindo ao seu redor. Ao simbolizar essas imagens, interpreta-se que esse homem está projetando alucinações de seus medos, que emergem de suas fantasias e fragmentos de sua memória.

De acordo com Casadore (2012), em alguns casos, a alucinação pode ser vista como uma forma extrema da fantasia; o sujeito experimenta percepções que não correspondem à realidade externa. Isso pode ocorrer quando a dor da perda é tão intensa que o sujeito recorre a alucinações como uma maneira de lidar com a ausência do objeto amado. As alucinações podem ser interpretadas como tentativas de manter viva a presença do que foi perdido, refletindo a luta interna do sujeito para reconciliar a realidade da perda com o desejo de manter a conexão.

A floresta foi o local onde essa mãe passou o último verão com seu filho, um lugar que possibilita o acesso a muitas lembranças. Ao conseguir superar o desafio de colocar os pés na grama, um de seus medos, essa mulher chora. Ao ver um filhote de passarinho morto sendo comido por animais, ela novamente chora e diz sentir a falta dessa criança. Esse local facilita para essa mulher relembrar momentos que teve com seu filho. Alguns expressam desatenção à criança, como deixá-la brincar sozinha na floresta e ir atrás apenas quando ouvir um choro inesperado. Outros, como o fato de colocar os sapatos do filho ao contrário e não perceber,

bem como o fato de esse ter sido o último local onde passaram tempo juntos, um momento só dos dois. Ao vencer um medo, lembrar que se isolou no último verão naquele local para dar sequência à sua tese, essa mulher percebe que existe para além dessa criança. O luto não é apenas um processo de tristeza, mas uma reconfiguração da relação do sujeito com o objeto perdido, que pode incluir sentimentos de ambivalência e culpa (Teixeira, 2007).

O luto não se resume à ausência do objeto amado, é também uma redescoberta do eu, a perda pode se transformar em um espaço de reconstrução e ressignificação da própria identidade (Castro-Arantes, 2016). Essa mulher, em meio a crises de medo e choro, buscava prazer por relação sexual com o marido. Em um desses momentos, pediu para ele bater durante o ato, dizendo: “Bata em mim para doer.” Ele se recusa e ela interpreta isso como uma falta de amor. Em resposta, ela foge para a floresta e inicia a masturbação. O marido vai atrás dela e acaba realizando o desejo de fazer sexo enquanto a agride no rosto. Depois, ao conversarem sobre a autópsia do filho falecido e sobre os sapatos trocados da criança, a mulher ataca o marido, acreditando que ele a abandonará, gritando: “Miserável! Está me deixando”. Ele nega, mas ela inicia o ato sexual e, mesmo após ele afirmar que a ama, ela não acredita.

Em um momento de raiva, ela acerta o órgão sexual dele com uma tora de madeira, o que o faz desmaiar. Em seguida, ela prende o marido atravessando uma barra de ferro com um peso de metal. Podem ser elaboradas fantasias de onipotência e violência, direcionadas ao controle de objetos considerados ameaçadores, ao mesmo tempo em que buscam proteger os objetos amados. Essas fantasias estão associadas à onipotência, à negação e à idealização, direcionadas à preservação do ego e da relação com o objeto amado. Nesse processo, prevalece uma ambivalência, integrando fantasias tanto destrutivas quanto reparadoras, com o objetivo mágico de reparar os danos causados pelo sadismo (Azevedo, 2021).

Nos casos em que o “Eu” interpreta a elaboração da perda como uma libertação do objeto ou funções que lhe causam sofrimento, há uma analogia com os estados de mania, manifestando sentimentos de triunfo e prazer (Rudge, 2008). Considerando a ambivalência nessa relação com o objeto e a alta demanda de energia que o processo de luto exige, Rudge (2008), ao recorrer às ideias de Freud, propõe que a energia mobilizada no luto poderia ser redirecionada para outros fins, resultando em uma fase de euforia. Essas hipóteses são ilustradas com casos clínicos que apresentam um aumento significativo de sentimentos narcísicos e estados de euforia sexual.

Esse homem, ao acordar, esconde-se da mulher. Quando ela percebe que ele não está mais onde o deixou, começa a procurá-lo, gritando: “Onde você está? Seu miserável! Onde você está? Como ousa me deixar? Disse que queria me ajudar. Onde você está?” Ao encontrá-lo escondido, ela tenta matá-lo com uma pá, mas, depois de alguns minutos sem resposta, arrepende-se e pede desculpas. Ela tenta ajudá-lo, leva-o para dentro da cabana e começa a chorar, dizendo: “uma mulher que chora é uma mulher traiçoeira, falsa nas pernas, falsa nas coxas, falsa no peito, nos dentes, cabelo e olhos”. Ela o beija, pega uma tesoura, deita-se ao lado dele, pega a sua mão e a coloca em sua vagina, enquanto imagina o filho subindo na cadeira e caindo na janela. Em meio ao choro, pega a tesoura e corta o clitóris. O homem ouve um corvo no porão, quebra o piso de madeira, liberta o corvo e encontra a chave que pode soltar sua perna presa ao peso do ferro. Ao ouvir que ele está se soltando, a mulher tenta matá-lo com uma tesoura, mas ele a segura e se liberta do peso. Em seguida, ele a pega e a enforca e depois a queima.

4.2 EM TEMPOS DIFERENTES SOB O MESMO CÉU: O RECORDAR E O LUTO

No filme *Aftersun* (2022), dirigido por Charlotte Wells, é apresentada a Sophie, uma jovem mulher que relembra férias passadas com seu pai, Calum, quando ela tinha 11 anos. A narrativa oscila entre o passado e o presente. Mostra Sophie adulta, refletindo sobre suas memórias e tentando compreender aspectos não ditos da relação com seu pai. Calum é retratado como um homem afetuoso, porém em muitos momentos introspectivo, não se revelando totalmente à filha. Por meio das interações e dos silêncios entre os dois, escuta-se no filme a presença de situações não resolvidas ou não esclarecidas.

O luto em *Aftersun* (2022) é apresentado de forma sutil e fragmentada. Um processo de rememoração e reconstrução das memórias com seu pai, indicando que ele não está mais presente em sua vida. Por meio da revisão dessas lembranças, ela busca elaborar a perda e compreender a complexidade da figura paterna. Esse processo de rememoração pode ser entendido como um trabalho de elaboração do luto, em que a integração das emoções reprimidas é necessária para a resolução do luto (Kübler-Ross, 2008). O filme inicia com a gravação do pai de Sophie dançando e ela narrando: “O que é isso? Meu Deus, o que é isso?” Seu pai responde: “Meus passos de dança”. Nesse vídeo, Sophie tinha onze anos e tinha a intenção de entrevistar seu pai. Ela comenta que ele vai fazer aniversário daqui a dois dias e, então, o questiona: “O que você achou que estaria fazendo hoje? Ela aproxima a câmera do rosto de seu pai. Nesse momento, por meio de um efeito cinematográfico, a cena retorna a uma balada escura, na qual Sophie aparece como uma jovem mulher, que se lembra desse dia.

As narrativas de memórias são descritas como uma forma de relembrar, pois permitem que o enlutado se depare com suas vivências e expressões afetivas relacionadas à perda. A capacidade de narrar é vista como essencial para transformar experiências em significados subjetivos e organizar as experiências de perda e a história de vida do sujeito. A narrativa não é apenas a lembrança do passado, mas o próprio passado no presente e permite que o enlutado explore essas vivências e encontre significado nas experiências. A vivência que não é transformada em uma experiência subjetiva por meio da narrativa tende a permanecer na compulsão à repetição. O sujeito se vê preso a um ciclo sem significado, incapaz de elaborar a dor da perda (Forster; Becker; Rosa, 2023).

A narrativa do filme ressoa com os conceitos psicanalíticos de Freud (1996f): “Repetir, recordar e elaborar”, pois durante o processo analítico, o paciente tende a repetir experiências passadas em vez de recordá-las conscientemente, e é por meio da elaboração que há a possibilidade de novas traduções. No contexto de *Aftersun* (2022), Sophie revisita suas memórias não apenas como uma recordação passiva, mas como uma tentativa ativa de elaborar experiências não resolvidas, relacionadas ao seu pai. A repetição é visível nas cenas recorrentes em que Sophie adulta revisita as gravações e fotografias das férias com Calum. Essa ação pode ser interpretada como uma compulsão à repetição. Ela busca, inconscientemente, reviver momentos significativos na tentativa de dar sentido à sua perda.

Segundo Freud (1996f), a repetição é um meio pelo qual o inconsciente tenta trazer à consciência conteúdos reprimidos. A recordação em *Aftersun* (2022) não é apresentada de forma direta ou clara. As memórias de Sophie são fragmentadas e carregadas de lacunas, sugerem a presença de conteúdos reprimidos ou distorcidos pelo tempo. As memórias reprimidas ou distorcidas pelo tempo revelam o que se vive, mas também o que se escolhe esquecer. As lacunas nas memórias não são simples vazios de recordações, mas espaços onde o inconsciente se manifesta, revelando as experiências que, por sua intensidade, se prefere recalcar.

As lembranças da infância tendem a ser mais vívidas e detalhadas em comparação com as memórias adultas. As experiências infantis têm um impacto duradouro na psique. As dos primeiros anos de vida deixam traços significativos, moldando os traços de caráter do sujeito ao longo da vida. Embora muitas dessas memórias não sejam acessíveis, elas exercem uma influência sobre a psique. Essa dinâmica pode afetar como as pessoas reagem a situações na vida adulta, baseando-se em experiências passadas. As lembranças da infância, mesmo que fragmentadas, contribuem para a formação da subjetividade do sujeito. A maneira como uma pessoa percebe suas experiências infantis pode influenciar sua autoimagem e suas relações interpessoais na vida adulta (Freud, 1996d).

Sophie relembra o dia em que seu pai a ensinava a se defender, com manobras sobre como se soltar caso alguém a segure forte pelos braços. Esse pai que limpa o rosto da filha com algodão e essa filha que também limpa o rosto do pai. Que joga xadrez com a filha, dá um golinho de sua cerveja, a segura e a carrega no colo. O primeiro a saber do seu primeiro beijo é que cria um espaço para ela poder contar sobre tudo, inclusive coisas que se considerariam erradas, como o uso de drogas. Apesar de não conviverem, escuta-se uma relação íntima desse pai com a filha e dela com ele. Uma filha que, mesmo longe, por meio da fantasia, cria maneiras de estar perto.

Sophie narra: “Eu acho legal a gente ter o mesmo céu!” Seu pai questiona: “Como assim?” Ela responde: “ah, sabe [...] às vezes, quando estou brincando, olho para o céu e se eu puder ver o sol, penso em como nós dois podemos ver o sol. Então, mesmo que a gente não esteja no mesmo lugar, assim, juntos de verdade, a gente meio que está, sabe! Tipo, nós dois estamos debaixo do mesmo céu, então [...] a gente está meio que junto”. Em uma perspectiva freudiana, o sujeito em luto deve lidar com a tarefa de rememorar tudo o que foi vivido na relação com o objeto amado. Essa rememoração permite que o sujeito reconstrua a ligação com o objeto perdido. O processo de recordar é visto como uma forma de manter e sustentar os vínculos com o objeto, mesmo após sua perda ou ausência. Para Lacan (1962), o trabalho do luto envolve a lembrança do objeto perdido e a necessidade de restabelecer a ligação com o verdadeiro objeto da relação que ele descreve como o “objeto mascarado”. Isso implica que, ao relembrar, o sujeito pode encontrar um novo significado ou uma nova forma de se relacionar com a falta. O luto não é apenas um processo de recordar, mas também de avivar a presença do objeto perdido na vida do sujeito. Lacan (1962) argumenta que, ao fazer isso, o sujeito pode confrontar a falta que o objeto representava e, assim, trabalhar para integrar essa ausência em sua vida. O luto permite que o sujeito reconheça que ele era, de certa forma, a falta do outro, o que pode levar a uma nova compreensão de si mesmo e de suas relações. Calun era um pai que investia nessa filha: “Você pode morar em qualquer lugar que quiser. E seja quem você quiser. Você tem tempo.” Esse pai agora aparece na balada dançando, com Sophie adulta. Escuta-se, nessa cena, o mesmo céu compartilhado por essa filha, que, em suas recordações, trouxe esse pai dançando de anos atrás para estar consigo.

Essa mulher, que acorda de madrugada, recebe os cumprimentos de Feliz Aniversário de sua companheira e vai pegar seu filho. Sophie, na noite de seu aniversário, relembra memórias da viagem que fez com seu pai, era aniversário dele. Freud (1996b) afirma que todo o conteúdo de um sonho deriva, de alguma forma, da experiência, mesmo que a ligação entre o sonho e a realidade possa não ser imediatamente evidente. O inconsciente pode acessar memórias que estão além do alcance da consciência. Calun, aos prantos, deixa um cartão: “Sophie, te amo demais. Nunca se esqueça disso, Papai”. Esse pai que leva a filha para dançar durante a viagem e essa mulher que o traz, por meio de lembranças para a balada. Nessa balada, já adulta, ela briga com ele e o abraça intensamente, assim como fazia quando tinha onze anos.

No contexto de *Aftersun* (2022), Sophie revisita suas memórias não apenas como uma recordação passiva, mas também como uma tentativa ativa de elaborar experiências não resolvidas relacionadas ao seu pai. De acordo com Souza *et al*. (2022), recordar envolve trazer à consciência memórias da pessoa e dos momentos compartilhados. A recordação permite que o sujeito mantenha viva a presença do outro em sua vida. Ela faz parte dos passos que antecipam a elaboração, que envolve a aceitação da realidade da morte e a transformação da dor em algo que possa ser compreendido e integrado na vida do enlutado, a realização de novos investimentos na vida.

Aftersun (2022) oferece uma representação profunda e sensível do processo de elaboração do luto na perspectiva psicanalítica. Escutam-se, por meio de recursos cinematográficos, algumas representações psíquicas dos personagens: a montagem não linear, os planos detalhados e a utilização de luz e sombra refletem a natureza fragmentada e introspectiva da memória e do luto. A ausência de informações explícitas sobre o destino de Calum intensifica a sensação de perda e permite ao analista experimentar o luto com Sophie. A cena final do filme sugere uma aceitação da ausência de Calum, simbolizando a conclusão desse processo de elaboração.

4.3 ENTRE SORRISOS, LÁGRIMAS E FANTASIAS: VIVER O LUTO

Meu Primeiro Amor (1991), dirigido por Howard Zieff, narra a história da jovem Vada Sultenfuss, de onze anos, que mora com seu pai viúvo em uma casa dividida com a funerária da família. A mãe de Vada faleceu logo após o parto, e a partir de então, seu pai não se casou novamente. Vada é uma garota entrando na adolescência. Vive novas experiências e sentimentos; tem uma paixão platônica pelo professor e ciúmes da nova namorada de seu pai. A morte trágica de seu melhor amigo, Thomas J., foi um dos eventos traumáticos vividos por Vada. A partir desse evento, Vada se põe a relembrar algumas histórias que envolvem suas perdas, iniciando um processo de elaboração de seus lutos. O filme inicia com Vada narrando: “Eu nasci com icterícia. Uma vez, eu me sentei no vaso sanitário de uma parada de caminhão e peguei hemorroida, e há dois anos convivo com esse osso de frango que ficou preso na minha garganta! Eu sabia que o papai ficaria arrasado quando soubesse do meu mais novo sofrimento. Pai, eu não quero incomodá-lo, mas meu seio esquerdo está crescendo muito mais rápido do que o direito. Isso só pode ser uma coisa: câncer! E eu estou morrendo!” Vada tem contato frequente com a morte, acreditava que estava doente e morrendo. Regularmente frequentava o médico questionando-o sobre sua saúde, pois dizia que apresentava os sintomas clássicos.

Vada e seu amigo Thomas J. brincam juntos todos os dias, andam de bicicleta, jogam cartas, vão ao lago pescar, nadar e subir em árvores. Thomas J. é a sua dupla para todas as brincadeiras e artes, desde espionar seu pai em um encontro romântico até ser o par do seu primeiro beijo. Um dia, ao buscar a bicicleta na garagem, eles encontraram uma foto do pai e da mãe falecida de Vada. Nesse momento, Thomas J. pergunta se Vada se lembra dela e ela responde: “A vovó disse que ela está no céu.” Thomas pergunta: “Como acha que é no céu?” Ela responde: “Eu acho que todo mundo tem um cavalo branco. Eles ficam cavalgando e comendo *marshmallow* o dia inteiro. Todos são melhores amigos de todos e, quando praticam esportes, não há times, porque ninguém nunca perde”. Retornam à brincadeira e Vada guarda aquela foto consigo. Nesse recorte, escuta-se que a fantasia faz parte do mundo dessa dupla e que ela também é utilizada como um amuleto para amenizar a dor da ausência de uma pessoa. A fantasia representa desejos que, em diferentes graus, estão ocultos por mecanismos de defesa. Ela é uma forma de satisfazer anseios não atendidos e de ajustar uma realidade insatisfatória.

Dessa forma, por meio das fantasias, é possível compreender a dinâmica do luto, considerando os sentimentos, reações e sintomas envolvidos, bem como a maneira como a criança processa a realidade concreta da perda (Franco; Mazorra, 2007).

Corroborando, Moraes (2010) aponta que a criança consegue reelaborar os significados e verdades, sua capacidade de recriar propõe o novo em um contexto de verdades, dessa forma, contribui na reconstrução do mundo por meio de novos significados, tornando-se o sujeito de sua própria história. Por meio da criação e do ato de fazer, o fantasiar pode ser experimentado sem os riscos de uma culpabilidade paralisante, desintegração ou aniquilamento, permitindo uma abertura para mudanças de posição em relação ao que impacta o sujeito em sua infância (Teixeira, 2006). No final do filme, novamente, a fantasia aparece: alguns dias após a morte desse amigo, a mãe dele encontra Vada e seu pai em uma lanchonete, ela entrega a Vada seu anel que Thomas J. havia encontrado e Vada narra: “Sra. Sannett, Thomas vai ficar bem. Minha mãe vai cuidar dele”. Como se nesse novo lugar onde eles estão, que não é esse aqui, a mãe poderia ficar descansada, pois outra mãe daria sequência ao cuidado da criança.

De acordo com Casadore (2012), o luto e a fantasia estão interligados na maneira como o sujeito lida com a perda e a ausência de objetos amados. Ele sugere que, durante o processo de luto, o sujeito pode recorrer a fantasias como uma forma de lidar com a dor da perda. Essas fantasias podem atuar como um mecanismo de defesa, permitindo que a pessoa mantenha uma conexão emocional com o que foi perdido, enquanto enfrenta a realidade da ausência. Também descreve que a fantasia pode ser uma forma de reconfigurar a relação com o objeto perdido, ajudando o sujeito a integrar a experiência de luto em sua vida psíquica. A fantasia, nesse sentido, pode oferecer um espaço em que o sujeito pode explorar seus desejos e medos relacionados à perda, facilitando o processo de aceitação e adaptação à nova realidade.

Thomas J. vai à floresta procurar o anel que Vada perdeu em um dia em que brincavam, sofre um ataque de abelhas e não resiste. O pai de Vada é comunicado sobre a morte de Thomas J e questionado se cuidará dos serviços fúnebres. Na sequência, ele procura Vada em seu quarto, chama-a para sentar ao seu lado e conta sobre o acidente. Inicialmente, Vada acha que ele estava bem e, em tom de brincadeira, diz: “Eu falei para ele não mexer com abelhas. Ele foi picado?” Vada continua: “Eu acho que vou lá brigar com ele.” Ao perceber que seu amigo estava morto, Vada começa a chorar e vai correndo ao médico. Ela encontra o Dr. Welty de forma esbaforida, chorosa, narrando uma falta de ar e dores das picadas de abelha. A primeira reação da Vada foi a fuga, fugir da notícia, fugir da dor ao procurar o médico.

Vada foi uma criança que vivenciou várias perdas. Além da morte de seu amigo Thomas J., ela perdeu a mãe, que faleceu dois dias após o parto, e com o início da puberdade, perdeu também traços infantis. Sua avó, que veio morar com ela e seu pai para ajudar nos seus cuidados, com o passar do tempo, perdeu a memória. Vada também lidou com o amor platônico pelo seu professor, ao descobrir que ele tinha uma noiva, e com o amor de seu pai, que ela não queria compartilhar com a nova namorada, Shelly. Nesses momentos em que precisou lidar com suas diversas perdas, ela preferia fugir e se esconder.

De acordo com Souza *et al*. (2022), a fuga pode ser vista como uma forma de defesa. O sujeito tenta evitar enfrentar a realidade dolorosa da perda. Pode-se manifestar por meio da negação, em que a pessoa se recusa a aceitar a morte do familiar, ou pela idealização, em que a memória do falecido é distorcida para evitar a dor da perda. A fuga também pode ocorrer quando o ego se sente ameaçado pela intensidade da dor. A fuga pode atrasar o processo de luto e impedir que o sujeito encare e processe a perda.

Vada vivencia o luto pelo seu amigo Thomas J. Inicialmente, recolhe-se ao seu quarto, sem receber visitas nem conversar com ninguém, nem amigos nem familiares. O luto, conforme descrito na literatura psicanalítica, é um processo que envolve um trabalho psíquico. Ele inicia-se com o reconhecimento da realidade da perda, seguido por uma fase intermediária, caracterizada pela elaboração da relação com o objeto perdido (Dunker, 2023). O luto é um processo que envolve a reorganização libidinal e a mobilização do eu, o que sugere que um recolhimento inicial é necessário para que o sujeito possa lidar com a dor da perda. Esse recolhimento é uma fase importante para a elaboração do luto, permitindo que o sujeito inicie os primeiros contatos com a perda (Souza; Pontes, 2016).

No início do luto, o sujeito se recolhe. A energia psíquica é direcionada para a elaboração da perda, que resulta em uma diminuição da energia disponível e uma restrição das funções do ego. Esse recolhimento é essencial para que o indivíduo possa enfrentar a realidade da perda e iniciar novos investimentos no mundo (Cavalcanti; Samczuk, 2013). Os rituais fúnebres demarcam um estado de enlutamento, reconhecendo a importância da perda e do ente perdido. Eles ajudam a simbolizar a morte e a transição que ocorre na vida dos enlutados, bem como oferecem uma forma de expressar emoções que muitas vezes não podem ser verbalizadas, proporcionando um contexto social e cultural, que ajuda as famílias a se sentirem apoiadas. Eles proporcionam um senso de pertencimento a uma comunidade que compartilha uma compreensão comum sobre a morte e o luto (Souza; Souza, 2019). Vada ao ser convidada para descer ao velório, não responde. Quando o pastor inicia a cerimônia, gradualmente, sai de seu quarto, desce a escada, senta-se, chora, observa de longe o rito, se aproxima da sala e, aos poucos, do caixão. Ao chegar bem perto do amigo, narra, aos prantos: “Quer subir na árvore, Thomas J.? O rosto dele está machucado. Cadê os óculos dele? Ele não enxerga sem os óculos. Ponham os óculos nele! Ponham os óculos nele!”

Nesse momento, Shelly a abraça e a retira de perto do caixão. Ela corre chorando para a estrada e, no caminho, encontra o professor Bixler, que diz que vai à casa dela. Quando ele menciona que sente muito pela morte de Thomas J., Vada coloca os dedos nos ouvidos e começa a cantar para não ouvir mais sobre o assunto. Em meio ao choro, Vada narra: “Justin e Ronda dizem que tenho que falar o que eu sinto [...]. Sr. Bixler, eu te amo. Eu te amo como o meu pai ama a Shelly. E eu quero morar aqui.” O Sr. Bixler responde: “Seu pai sentirá a sua falta.” E ela responde: “não, ele não vai. Eu não posso voltar lá.” Nesse momento, a noiva do professor aparece e ele a apresenta. Vada, então, responde com vários “não” e sai correndo. Após muitas fugas, Vada vai até a árvore onde costumava brincar com Thomas J. Ela olha ao redor e começa a relembrar os momentos com ele.

Pega a foto de sua mãe, recorda o primeiro beijo e a proposta de casamento feita a Thomas J., lembrando-se do pacto de sangue que fizeram para serem irmãos para sempre. Vada passa o dia revisitando suas memórias; movimento pertencente ao caminho a ser percorrido na elaboração do luto. A recordação de memórias permite que o sujeito construa e cristalize sua própria história. Ao revisitar experiências passadas, o indivíduo pode dar sentido à sua vida e à relação que teve com a pessoa que faleceu, uma das etapas da elaboração do luto. A recordação pode evocar sentimentos ambivalentes, como a dor da perda e a alegria das experiências compartilhadas. Essa ambivalência é uma parte do processo de luto. O sujeito pode sentir tanto tristeza quanto alegria pelas memórias vividas. A recordação é essencial no processo de elaboração psíquica (Castro-Arantes, 2016).

Ao voltar para casa, à noite, Vada é recebida por Shelly, que a encontra com uma sensação de alívio e a abraça. Após o banho, Shelly escova o cabelo de Vada, ajuda-a a trocar de roupa e elas conversam sobre Thomas J. Vada deita na cama, pede um abraço e adormece.

Seu pai vai até seu quarto, a vê dormindo e dá um beijo em seu rosto. Quando ele se levanta, Vada pergunta: "Eu matei minha mãe [...]. As abelhas mataram o Thomas J. e eu matei a minha mãe." Seu pai se senta e diz: "Minha querida, não foi culpa sua. Coisas assim não são culpa de ninguém, só acontecem!" Vada mostra a foto que guardava de sua mãe e nesse momento, pai e filha relembram juntos dessa mulher. Ele comenta que sempre que vê uma flor bonita, lembra-se dela. Vada, então, diz: "Sempre que eu vir uma árvore, lembrarei do Thomas J." Nesse momento, novamente, Vada repete e recorda a morte da mãe e do amigo, escolhendo um objeto simbólico que marca a lembrança dessas pessoas. Como forma de expressar o momento que viveu com Thomas J. e sua partida, Vada elabora um poema e apresenta em sua última aula de redação:

Salgueiro choroso com uma lágrima pendente.
Por que sempre chora e se ressente?
É porque ele te deixou um dia?
É porque ele jamais voltaria?
Nos seus galhos, ele se balançava.
Você era feliz com a alegria que não faltava.
Ele encontrou abrigo em sua sombra.
Achou que seus risos jamais cessariam.
Salgueiro choroso, pare de chorar.
Porque há algo que vai te acalmar.
Pensou que a morte o separaria em vão?
Mas ele estará sempre em seu coração (Meu Primeiro Amor (1991)).

Nesse processo, a perda é posicionada no lugar do objeto, que agora se torna a causa de um novo desejo, mesmo que já estivesse perdido. Esse movimento perpassa a sublimação, o desejo é redirecionado para outras formas de representação. O movimento final desse processo envolve uma decisão inconsciente, um caminho que permite a integração da perda na estrutura psíquica do sujeito. Essa integração é fundamental para que o sujeito consiga seguir em frente, o momento em que consigo integrar o objeto perdido na cadeia de luto e, assim, possa se despedir, pois esse objeto perdido está guardado consigo (Dunker, 2023). Escuta-se que a elaboração do luto foi marcada pela realização de novos investimentos libidinais do sujeito, Vada realiza novas amizades, volta a andar de bicicleta e narra: "As coisas melhoraram agora, finalmente engoli aquele osso".

De acordo com Casadore (2012), a elaboração do luto não significa esquecer o que foi perdido, e sim encontrar um novo equilíbrio que permita ao sujeito continuar sua vida. Por meio desse processo, o sujeito pode transformar a dor da perda em uma nova forma de conexão, permitindo que novas relações e experiências se desenvolvam. Essa dinâmica é fundamental para a recuperação e a continuidade do desenvolvimento psíquico, pois possibilita que o sujeito não fique preso à dor da perda, mas sim encontre novos significados e vínculos na vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria psicanalítica, em especial o referencial teórico freudiano, explica que o luto é um processo de elaboração, atrelado à subjetividade de cada sujeito. O luto é a reação a uma perda e o processo de elaboração do luto é um caminho que pode ser percorrido ou não pelo sujeito. O presente artigo teve como objetivo selecionar e analisar recortes que representam as etapas

percorridas em cada processo de luto encenado nos filmes. Partindo da perspectiva psicanalítica, analisou-se como os personagens elaboraram o luto, processo inicialmente marcado pelo recolhimento do sujeito e pela renúncia a uma posição libidinal, até a realização de novos investimentos no mundo. Por meio de autores clássicos, como Freud e Lacan, e contemporâneos, como Teixeira, Dunker, Castro-Arantes, entre outros, foi possível desenvolver uma escuta dos caminhos percorridos para a elaboração do luto pelos personagens.

No primeiro filme, Anticristo (2009), é possível observar a não elaboração do luto, inicialmente marcada por traços melancólicos da mãe, que se culpava por conhecer algumas rotinas do filho e acreditar que poderia tê-lo impedido de morrer se tivesse feito algo diferente. Esse casal iniciou um caminho em direção à elaboração do luto e se recolheu em uma floresta, visando enfrentar medos. O local favoreceu o encontro com várias lembranças. A mulher, que era mãe e esposa, acreditava, em suas fantasias, que seria abandonada de forma violenta pelo marido e tentou prendê-lo, mas foi brutalmente morta. Esse percurso, muitas vezes vivenciado no campo da fantasia, inclusive pelo marido, que via animais feridos, não era real, mas tinha valores simbólicos agregados em cada composição.

No segundo, *Aftersun* (2022), o caminho em direção à elaboração do luto é problematizado. A personagem reviveu as lembranças de uma viagem da infância que realizou com o pai e, ao fazê-lo, abriu espaço para novos significados. Recordar faz parte do processo de elaboração do luto, possibilita novas elaborações psíquicas e evidencia o espaço daquela pessoa que fez parte da constituição do sujeito e que, de outras formas, continua fazendo parte. Uma fala da infância dessa personagem carrega uma tradução simbólica viva: "Nós dois estamos debaixo do mesmo céu, então [...] a gente está meio que junto." Compartilhar a vida, perto ou longe, e reviver lembranças fazem parte da constituição do sujeito, mesmo na ausência.

No filme Meu primeiro amor (1991), o processo de elaboração do luto é debatido por meio da personagem, que se recolhe inicialmente, relembra histórias, sublima por meio da poesia e, posteriormente, consegue fazer novos investimentos no mundo, como fazer novas amizades e brincar. O processo percorrido pela personagem possibilitou novas elaborações, não apenas do luto pela morte de seu amigo, mas também de outros lutos vivenciados por ela na obra. A fuga e a fantasia também fizeram parte da elaboração da personagem naquele momento, o que foi possível para ela, corroborando a compreensão de que o tempo de cada sujeito é único e deve ser respeitado.

Os lutos fazem parte da vida e a elaboração do luto faz parte da constituição do sujeito. Não se trata de eventos isolados na trajetória psíquica, mas de marcos que repercutem na estruturação do sujeito e no desenvolvimento de sua subjetividade. Estudar o luto no contexto da psicanálise amplia a compreensão teórica e enriquece a prática clínica. “Mas contestei a visão do poeta pessimista de que a transitoriedade do belo implica sua desvalorização. Pelo contrário, significa maior valorização!” (Freud, 1996c, p. 248). Ao trilhar os caminhos apresentados pela necessidade de uma elaboração diante das perdas, encontra-se a transmissão da psicanálise freudiana: a morte não desvaloriza o objeto perdido; é justamente pela finitude que se descobre o valor da vida.

REFERÊNCIAS

AFTERSUN. Diretora: Charlotte Wells. Reino Unido/EUA: A24, 2022. 1 filme (96 min), son., color., inglês.

ANTICRISTO. Diretor: Lars von Trier. Dinamarca: Zentropa Entertainments, 2009. 1 filme (108 min), son., color., inglês.

AZEVEDO, Creuza da Silva. Processos depressivos e luto através de uma vertente Kleniana: a experiência da perda de um bebê com malformação genética. **Cad. psicanal.** Rio de Janeiro, v. 43, n. 45, p. 133-151, dez. 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952021000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 nov. 2024.

CASADORE, Marcos Mariani. Luto e fantasia na psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2012.

CASTRO-ARANTES, Juliana. Os feitos não morrem: psicanálise e cuidados ao fim da vida. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 637-648, set./dez. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/agora/a/v8rcKkMhFGbZM3wvcSnqZbq/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 19 out. 2024.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK, Milena Lieto. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicólogo Informação**, São Paulo, 17, n. 17, p. 91-105, jan./dez. 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007. Acesso em: 19 out. 2024.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Lutos finitos e infinitos**. São Paulo: Paidós, 2023.

FERNANDES, Andréa Hortélio. O mal-estar na civilização, sua articulação com a linguagem e a literatura. **Rev. Epos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 179-199, dez. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 nov. 2024.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, p. 257-278, 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

FORSTER, Sara Micheli; BECKER, Vitória Sponchiado; DALLA ROSA, Miriam Izolina Padoin. Importância da narratividade no processo do luto: uma pesquisa no contexto pandêmico. **Cadernos de Psicanálise** (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 45, n. 48, p. 183-199, jan./jun. 2023.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 503-511, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400009. Acesso em: 9 out. 2024.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência, 1912. *In:* FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 100-110. v. X.

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos, 1900. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p.23-676. v. IV.

FREUD, Sigmund. A transitoriedade, 1916. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 317-319. v. XIV.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras, 1899. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 333-354. v. III.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia, 1917. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263. v. XIV.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II), 1914. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-171. v. XII.

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha *et al*. Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Escola Anna Nery**, v. 26, p. 1-9, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208. Acesso em: 8 out. 2024.

INDURSKY, Alexei Conte; KVELLER, Daniel Boianovsky. Freud e o judaísmo: luto, trauma e transmissão. **Psicologia USP** [online]. 2017, v. 28, n. 3. 405-413. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-656420160119. ISSN 1678-5177. Acesso em: 8 out. 2024.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1**: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 6**: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Dicionário de psicanálise**. 5. ed. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MEU PRIMEIRO AMOR. Diretor: Howard Zieff. EUA: Columbia Pictures, 1991. 1 filme (102 min), son., color., inglês.

MEZAN, Renato. (2002). Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões. *In:* Mezan, R. **Interfaces da psicanálise.** (Vol. 1, pp. 395-435). São Paulo: Companhia das Letras.

MORAES, Elisangela Marques. **A infância pelo olhar das crianças do MTS:** ser criança, culturas infantis e educação. 2010. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/2749/1/Dissertacao_InfanciaOlharCriancas.pdf. Acesso em: 19 out. 2024.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira *et al*. Da associação livre ao direito ao silêncio: desafios da psicanálise na escuta de adolescentes nas medidas socioeducativas. **Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 237-245, maio/ago. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1809-44142019002011. Acesso em: 7 maio 2023.

OLIVEIRA, Flavia Lana Garcia de; MALTA, Filipi Dias de Souza. Um estudo sobre as incidências da pulsão oral nas psicoses maníaco-depressivas. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 56-73, nov. 2023 a abr. 2024. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/pdf/5%20-%20OLIVEIRA%20e%20MALTA.pdf. Acesso em: 19 ago. 2024.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. **Dicionário da psicanálise**.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUDGE, Ana Maria. Notas sobre la culpa no luto. In: PERES, Urania Tourinho. **Culpa**. São Paulo: Escuta, 2001. p. 201-212.

RUDGE, Ana Maria. Que atos são esses?: Luto e acting out. **Psyche (São Paulo)**, São Paulo, v. 12, n. 22, p. 67-78, jun. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 nov. 2024.

SOUZA, Andressa Mayara Silva; PONTES, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. **Analytica**, São João del-Rei, v. 5, n. 9, p. 69-85, jul./dez. 2016.

SOUZA, Carolina de *et al*. O trabalho do luto por suicídio: uma leitura kleiniana. **Vínculo** - Revista do NESME, v. 19, n. 1, p. 131-143, jan.-jun. 2022. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=139473537013. Acesso em: 19 out. 2024.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 35, e35412, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRJL4J8xg/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 19 out. 2024.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui; HASHIMOTO, Francisco. A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. **Revista Interinstitucional de Psicología**, v. 6, n. 2, p. 166-178, jul.-dez. 2013.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Morte, luto e organização familiar: a escuta da criança na clínica psicanalítica. **Psicologia Clínica**, v. 18, n. 2, p. 63-76, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-56652006000200006. Acesso em: 6 out. 2024.

TEIXEIRA, Marco Antônio Rotta. **Das neuroses de transferência às neuroses narcísicas: contribuições aos fundamentos da teoria freudiana da melancolia**. 2012. 393 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.